



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apresentação

Rosângela de Lima Vieira

Como citar: VIEIRA, Rosângela de Lima. Apresentação. *In:* VIEIRA, Rosângela de Lima. **O Brasil, a China e os EUA:** na atual conjuntura da economia-mundo capitalista. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 7-14.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2013.978-85-7983-415-8.p7-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

A oportunidade de coordenar a organização do *VI Colóquio Brasileiro em Economia Política dos Sistemas-Mundo*¹ foi um desafio! Do projeto inicial até sua realização percorreu-se um longo e denso processo. Como tal trouxe novas experiências e aprendizagens recheadas de preocupações, porém com realizações prazerosas.

E agora organizar e apresentar o livro com os textos daquele evento transborda os adjetivos academicamente usuais. Expressar meu entusiasmo pelos resultados é falar de admiração e gratidão a todos que colaboraram para que a difusão, no Brasil, da Análise dos Sistemas-Mundo (ASM) se ampliasse mais.

É preciso reconhecer, nesta obra, os múltiplos sujeitos que construímos juntos um conjunto de análises, reflexões e indagações pertinentes ao sistema social do tempo vivido, à luz da história. Para uma historiadora braudeliana, assumida, diria que a percepção do processo histórico, enquanto testemunhas oculares que somos, não pode encobrir a longevidade e lentidão em que foram construídas as estruturas sobre as quais se sedimenta o nosso 'presente'. Por outro lado, acrescento que nossa condição de sujeitos da história nos impele a uma postura otimista, diante do 'presente', pois podemos contribuir com o que está a ser construído. Para

¹ Evento realizado no período de 27 a 29 de agosto de 2012 na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Marília/SP, pelo Grupo de Pesquisa de Economia Política dos Sistemas-Mundo (CNPq) <http://www.gpepsm.ufsc.br/html/index.php> da UFSC. Apoio: CAPES, FAPESP e UNESP (PROPE, PROPG), Instituto Confúcio e SAPE da FFC/Marília. Financiamento desta coletânea: CAPES.

que aquele que virá seja não apenas um novo sistema social, mas um sistema social mais justo e equânime para toda a humanidade. Essa perspectiva nos induz a uma responsabilidade histórica inigualável, de quem vive em contexto de transformações paradigmáticas e tem consciência dela.

Assumir tal responsabilidade significa primeiramente buscar a melhor compreensão possível da realidade. E em nosso entendimento, a abordagem dos Sistemas-Mundo – ao propor a análise histórico-mundial sistêmica – explicita sobremaneira as condicionantes históricas quer de natureza econômica, política ou social e contribui para uma apreensão mais ampla e profunda dessa realidade.

A Análise dos Sistemas-Mundo (ASM), edificada com fundamentos em Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, possui hoje inúmeros autores, pesquisadores e estudiosos. Há naturalmente divergências pontuais entre alguns deles; contudo, as muitas similaridades nos aproximam, possibilitando a construção de identidades e mesmo daquilo que Wallerstein (2012) denomina Movimento do Saber.

Em Braudel, buscamos a inspiração e a metodologia para pensarmos historicamente as realidades – no interior da dialética temporal da longa, média e curta durações² – com análises interdisciplinares e concebendo o capitalismo como o conjunto de estratégias para se sobrepor à economia de mercado e dispor da liberdade necessária para atingir a maior lucratividade possível.

Com Wallerstein, aprendemos a indispensável postura relacional como fundamento para se pensar o moderno sistema-mundo e a necessidade de se buscar uma nova Ciência Social capaz de análises sistêmicas e históricas. O adjetivo “sistêmico” remete à percepção da rede de elementos econômicos, políticos e culturais que compõem os processos históricos. O qualitativo “histórico”, por seu turno, traduz o entendimento de que esses sistemas são delimitados temporalmente, isto é, tem início e fim, ou seja, as mudanças, por mais lentas que possam ser e até ‘imperceptíveis’, ocorrem continuamente.

² Três temporalidades braudelianas: a longa duração das estruturas com lentas transformações, as conjunturas de média duração e os fatos de breve duração.

E finalmente de Arrighi, herdamos os ‘ciclos sistêmicos de acumulação’ e suas transformações. Os CSAs apresentam uma divisão desse longo processo histórico do capitalismo, fundamental para o aprofundamento das especificidades de cada ‘fase’ e das permanências estruturais próprias do capitalismo histórico ao longo de seus cinco séculos de existência. Em conjunto, estes fundamentos norteiam o que chamamos de Análise dos Sistemas-Mundo (ASM).

Tem-se nessa tríade um amplo programa de estudos. A presente coletânea demonstra cabalmente a amplitude temática de tais estudos e nos direciona a observar a fertilidade e fecundidade que a ASM oferece ao pesquisador interessado em análises histórico-mundiais da complexa sociedade humana. A plêiade de jovens pesquisadores que apresentaram seus relatos de pesquisas e/ou projetos em desenvolvimento, nessa edição do *Colóquio*, demonstrou o vigor deste enfoque para as ciências sociais. Por sua vez, pesquisadores mais experientes que migraram seus estudos para um diálogo mais imbricado com esta abordagem, legitimam-na.

A pluralidade de temas apresentados no *VI Colóquio* e nesta coletânea expõe a amplitude de estudos que o enfoque permite como prenunciaram nossos mestres de referência. Já disse Theotonio dos Santos na apresentação de *Adam Smith em Pequim*: “No rastro de Giovanni Arrighi estão temas, descobertas e pistas que a ciência social brasileira precisa conhecer e seguir.” Certamente tal referência serve também para as obras de Fernand Braudel e de Immanuel Wallerstein.

A ASM nos possibilita analisar nossos desafios contemporâneos, oferecendo fundamentos para uma crítica profunda ao capitalismo global. Para nós, que vivemos em região mundial periférica ou semi-periférica, a abordagem contribui também para uma percepção mais densa das (im) possibilidades de superação dessa condição. Além disso, nos remete à tipicidade do próprio conceito da abordagem dos Sistemas-Mundo de superar a pulverização das ciências sociais.

Obviamente estamos tendo uma oportunidade ímpar: observar, analisar e discutir uma possível transição hegemônica, no ‘calor’ dos acontecimentos. Talvez em nenhuma outra época as pessoas tenham tido uma oportunidade similar. Nas três transições precedentes (de Gênova

para a Holanda, desta para a Grã Bretanha e depois para os EUA), algumas pessoas perceberam mudanças, transformações, até pensaram sobre elas. Mas hoje as nossas possibilidades de compreensão do processo nos diferenciam em relação aos contemporâneos daquelas transições; há uma especificidade em nossa conjuntura atual, somos sujeitos capazes de ter consciência do processo histórico vivendo-o. Por outro lado, o nível de dificuldade em refletir sobre o tempo presente é muito alto. Buscar semelhanças e diferenças em processos análogos para daí objetivamente contribuir para um exame da realidade vivida, constitui-se no valor do método comparativo. Além deste, esta perspectiva oferece referenciais e instrumentos metodológicos que favorecem análises mais amplas desse processo histórico.

O Brasil, China e EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista pretende contribuir com o debate sobre a atual crise do Ciclo Sistêmico de Acumulação Norte-Americano, bem como com a inserção do Brasil, da China e do próprio EUA nessa conjuntura. A maioria dos textos trata do período posterior a 1970, quando se iniciou, para Wallerstein e Arrighi, a crise terminal do atual ciclo sistêmico. É importante destacar também que os textos trazem aspectos teóricos e metodológicos da ASM, oferecendo trilhas para quem se interessar em dar os primeiros passos nesta abordagem. Vejamos.

O texto “A Guerra Fria, a China e a ascensão e queda da hegemonia do dólar americano” de Ho-fung Hung, da Universidade Johns Hopkins, apresenta a história da ascensão do padrão-dólar como o meio para transações internacionais na economia mundial e moeda corrente para reservas internacionais. Hung questiona o juízo de alguns analistas de que o padrão-dólar esteja em declínio; segundo ele, o que há é um dilema na atual conjuntura: por um lado, o atrelamento da moeda chinesa ao dólar e o desenvolvimento do país voltado às exportações levam a China a comprar ‘obrigações do Tesouro Norte Americano’ de juro fixo em escala maciça que, conseqüentemente, colabora para a viabilização de curto prazo do padrão-dólar; e por outro lado, o déficit exponencial da conta-corrente dos Estados Unidos com a China acelera uma crise de confiança sobre as perspectivas de longo-prazo do dólar. O autor expõe essa contradição

e manifesta que o futuro do poder global está condicionado pela relação entre os dois países.

O artigo de Bruno Hendler e Antônio J. E. Brussi, “Estados Unidos e China na primeira década do século XXI: os custos da Guerra ao Terror e as mudanças na interdependência assimétrica” trata também dessa condição de ‘reféns mútuos’ para as relações entre os EUA e a China, analisando a interdependência comercial e financeira entre os dois países, embora aparentemente cada vez menos simétricas. Comparando com o processo histórico da transição hegemônica britânico/estadunidense, afirmam que a China dos anos 1970 em diante, tal como os EUA no final do século XIX e começo do século XX, também teve o início de seu desenvolvimento econômico associado e dependente da hegemonia de sua época. E como nos casos anteriores, a partir dos anos 1990, essa dependência foi sendo gradualmente substituída por uma série de alianças inovadoras entre capitais produtivos e o Estado chinês. Outras analogias são possíveis, como os empréstimos ingleses para a Holanda na Guerra de Sucessão Espanhola e os empréstimos norte-americanos para a Inglaterra na Primeira Guerra Mundial. O que explica, por semelhança, a interdependência. A busca da superação da vulnerabilidade comparativa de ambos os países garante a assimetria, porém, segundo os autores, não fiança ainda a inversão total dessa interdependência.

Também o artigo de Helton Ricardo Ouriques, “O ressurgimento da China e suas consequências para a América Latina e o Brasil”, analisa as principais características do processo de desenvolvimento chinês contemporâneo. Além disso, busca comparações, entre a China e alguns países latino-americanos, de maneira especial o Brasil. Sobretudo ele demonstra que fatores internos e externos são fundamentais na compreensão dos distintos caminhos de desenvolvimento das regiões em questão. O que reforça uma das vigas mestras da ASM, de que os elementos estruturais da economia-mundo capitalista são constitucionais da atual conjuntura. Ao contextualizar as diferenças de trajetória entre o Leste Asiático e a América Latina, evidencia alguns aspectos sistêmicos que determinaram os distintos percursos históricos destas regiões. O autor apresenta também indicadores que validam sua argumentação.

Já em “Crise e mudança social: a luta social em um período de transição”, Eduardo Barros Mariutti traz uma análise das características da hegemonia norte-americana à luz de elementos da abordagem dos Sistemas-Mundo. E demonstra ainda as possibilidades, ou melhor, as exigências históricas diante da crise vivida atualmente. Nesse contexto, ele afirma que para se buscar efetivamente enfrentar os desafios contemporâneos é indispensável reconhecer a amplitude do problema. Ora, estamos diante uma prolongada *crise geral*. E mais, medidas tímidas não irão reverter este quadro. É imperativo, reconhece o pesquisador, que não existem soluções unilaterais e isoladas para o problema, e, sobretudo, essa situação suscita a busca para uma sociedade mais justa e igualitária.

A proposta do artigo “O Brasil e o longo século XX: condicionantes sistêmicos para estratégias nacionais de desenvolvimento”, de Marcelo Arend, consiste em analisar o desempenho da economia brasileira na dinâmica da economia-mundo ao longo do século XX. Destaca-se a discussão dos fatores que condicionaram a mudança do país do grupo periférico da economia-mundo para o *status* de Estado semiperiférico e a confirmação da tese de Giovanni Arrighi referente à “ilusão desenvolvimentista” pela qual o país passou ao longo do ciclo sistêmico de acumulação norte-americano. O autor expõe, a partir de uma análise histórica, como a economia-mundo condicionou as estratégias de desenvolvimento adotadas pelo Estado brasileiro, bem como seu desempenho no sistema interestatal, impondo limites e possibilidades para a ascensão do Brasil no sistema interestatal.

Se os condicionantes da economia-mundo capitalista impõem as balizas para os membros do sistema, como se vê no artigo de Marcelo Arend, acertada é a questão levantada já no título do artigo de Antônio Brussi “Emergências e emergentes: para onde?”. O autor desenvolve uma útil reflexão a respeito da mobilidade interzonal na economia-mundo capitalista. Brussi traz uma dúvida contemporânea fundamental: se os períodos de retração econômica são mais favoráveis para a ocorrência de movimentos ascendentes na hierarquia da economia mundial e os estados semiperiféricos têm maiores possibilidades de aproveitarem dessa fragilização sistêmica, tem-se então uma conjuntura favorável ao Brasil? Há indícios para uma resposta afirmativa. Por exemplo, os salários médios e mercado em expansão são atrativos mais que suficientes para novos

investimentos, somando-se ainda o contexto recessivo externo coloca o país numa condição favorável. Contudo, Brussi recomenda cautela nesse diagnóstico, dadas às incertezas na economia-mundo capitalista.

A abordagem da Economia Política dos Sistemas-Mundo observa os sistemas históricos, os quais são caracterizados pela articulação entre as múltiplas estruturas políticas e redes de produção e comércio, ou cadeias mercantis. No capitalismo, esse processo é de longa duração e tende a ocupar todos os espaços que tenham interesse ao centro sistêmico. O texto “Amazônia, interstício da economia-mundo capitalista”, de Hoyêdo Nunes Lins, demonstra o processo histórico multissecular de incorporação da Amazônia ao sistema capitalista. Desde os primórdios coloniais ao capital globalizado, a região está enleada nas tramas de cadeias mercantis comandadas desde o centro do sistema mundial. Esta realidade condicionou sua inserção econômica nacional e/ou internacionalmente.

Já no texto “O Brasil na atual conjuntura científico-tecnológica da economia mundo capitalista”, Pedro Antônio Vieira e Luiz Mateus da Silva Ferreira, priorizam a conjuntura, sem esquecerem as estruturas que fundamentam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no Brasil. Eles defendem a tese que desde o período colonial até as primeiras décadas do século XX, a economia primário-exportadora intensiva em recursos naturais e humanos gerou um tipo de empresário capitalista avesso à inovação. Este pode aumentar seus lucros, pois contou com o apoio do Estado (isenções fiscais, empréstimos, política econômica, repressão aos trabalhadores, etc.) e com baixos custos salariais devidos principalmente à grande oferta de mão-de-obra. Por sua vez, o Estado para contar com os recursos fiscais gerados pela exportação, apoiava as demandas dos exportadores e sem qualquer interesse em desenvolver capacidades tecnológicas que implicassem possíveis conflitos com os países importadores dos produtos primários.

Os dois autores demonstram que o esforço industrializante, do período 1930-1980, foi suficiente para tirar o Brasil da posição de periferia, deslocando-o para a semi-periferia da economia-mundo. Realmente, a transplantação de estruturas produtivas e tecnológicas, já difundidas nos países do centro da economia-mundo, ocorreu sem criar internamente uma relação sistêmica entre acumulação de capital, desenvolvimento, ciência e tecnologia. Assim, quando as transferências tecnológicas foram

interrompidas no início dos anos 1980, a matriz industrial do Brasil tornou-se obsoleta e o processo técnico sofreu uma interrupção que já dura praticamente quatro décadas. Então, o que se tem é o atendimento dos interesses das empresas transnacionais e dos respectivos estados (manter as posições de liderança nas respectivas cadeias mercantis), dos empresários nacionais (aproveitar as oportunidades que se apresentavam), e do Estado brasileiro (sem interesse em buscar posições na hierarquia do sistema interestatal). Uma ruptura se esboçou nos anos recentes, o governo tem buscado, ainda que de forma modesta, promover uma série de ações e programas que visam superar o atraso científico e tecnológico do país.

Em seu conjunto, a obra registra uma página importante na atividade acadêmica brasileira em geral e especificamente para a Análise dos Sistemas-Mundo, tanto pela diversidade de temas, quanto pela qualidade das pesquisas e das reflexões ao alcance do leitor.

Rosângela de Lima Vieira
Marília, verão de 2013.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Theotônio dos. “Apresentação: no rastro de Giovanni Arrighi”. In: ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. (Trad. Beatriz Medina) São Paulo: Boitempo, 2008, p.12.

WALLERSTEIN, Immanuel. “A análise dos sistemas-mundo como movimento do saber”. In: VIEIRA P. A., VIEIRA, R. e FILOMENO, F. *O Brasil e o Capitalismo Histórico: passado e presente na Análise de Sistemas-Mundo*. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2012, p. 19 a 30.